

APRESENTAÇÃO

Neste número, oferecemos aos nossos leitores mais uma abordagem multidisciplinar das questões amazônicas e da atualidade. Saúde, ambiente, história indígena, saberes tradicionais, etnografia, questões urbanas, filosofia, história da ciência, semiótica e política formam o leque de áreas do conhecimento atravessadas por nossos articulistas. No artigo de abertura, uma pesquisa sobre a implantação do Distrito Sanitário Especial Indígena, no Município de São Gabriel da Cachoeira/AM, enseja a reflexão sobre a evolução das taxas de mortalidade infantil naquela região em comparação ao quadro nas demais regiões do País. O que garante que as políticas públicas ali implantadas tenham eficácia?

Ao mesmo tempo em que se consolida a concepção da saúde como uma questão mais ampla do que a ausência de doenças, cresce o reconhecimento do valor do saber/fazer tradicional no campo do cuidado e da qualidade de vida. Na região do Alto Solimões, Estado do Amazonas, esse processo requer uma reflexão em torno dos conceitos de saber e povos tradicionais; face ao uso comercial de plantas medicinais, os antigos moradores do lugar Tupi reivindicam, ao mesmo tempo, o reconhecimento de suas “descobertas” e a autoria do trabalho de classificação daquelas espécies segundo suas propriedades em contraposição à vulgarização do uso comercial e folclórico de seu conhecimento. Questão de geopolítica, a disseminação de conceitos oriundos de movimentos sociais ensejou sua apropriação pelo Estado e por agências econômicas internacionais. Como podemos entender o processo de dissolução das fronteiras e dos territórios promovido pelo Tratado de Cooperação Amazônica? Estende-se sobre o domínio das relações internacionais, sobretudo no campo discursivo, a ambientalização de ações outrora combatidas por seu caráter autoritário e opressivo.

Essas questões nos deixam perplexos. Sem pretender mitigá-las, passamos a uma reflexão sobre o imaginário que os jesuítas ajudaram a elaborar em torno da fisionomia e do caráter dos povos do Novo Mundo. Ironicamente, aí encontramos uma estratégia discursiva ainda hoje utilizada, que consiste na invenção e na inserção das monstruosidades na ordem natural do cosmos como justificativas para uma ação salvacionista. No domínio da linguagem, essa ordem se traduz em cidades planificadas, utópicas. No



domínio da história, o espaço urbano é heteróclito: suas ruas, nem sempre bem traçadas, desembocam em igarapés, vielas, becos até o fundo da floresta; se abrem e se fecham para homens e mulheres singulares, à margem do padrão adotado nos manuais de “polícia”; se o iluminismo ensaiou espriar-se por aqui, no final do século XIX, seus códigos de postura não passaram de cartilhas arbitrárias, extemporâneas e alheias ao mundo natural e social em que pretendiam ensinar.

Em contraposição ao colonialismo, recorremos à etnografia. Após séculos de esfacelamento, as populações indígenas do Amazonas retomaram, a partir dos anos 1960, suas forças para resistir articulando-se interna e externamente. Resultado: uma nova cartografia, muito diferente daquela desenhada pelos agentes oficiais e uma nova rede de relações sociais, solidária, plural e afirmativa, se insurgem contra os mecanismos de homogeneização e exclusão adotados pelo Estado nacional.

Identidade ou singularidade? A iconografia tem sido um campo fértil para a constituição de representações da paisagem cultural. Na Amazônia, a fotografia tem tomado o lugar da pintura na elaboração de linguagens e discursos pelos quais se tecem as relações de identidade e diferença, alianças e oposições. O uso de conceitos e estilos revela as escolhas semiológicas e éticas adotadas pelos diferentes olhares deitados sobre a região.

Espaços e territórios são conquistados pelo domínio da língua falada. De que maneira a universidade avalia seu papel na competição internacional por áreas de influência cultural, comercial e política? Questão que se põe como desafio aos países lusófonos uma vez que parecem desprezar o idioma comum como mecanismo de mediação da cultura e como instrumento para o fomento de intercâmbios acadêmicos. O que se espera do ensino superior lusófono no quadro da globalização?

Nossa seção de artigos encerra com o desenvolvimento de um estudo sobre a filosofia de Hegel. Em que consiste o ser do pensar? Aparentemente óbvia, a pergunta nos convida a retomar um dos mais intensos, instigantes e urgentes problemas do pensamento contemporâneo: em que consiste o conhecimento da realidade? Onde podemos encontrar, no acervo de teses, teorias, conceitos e tecnologias da ciência moderna, a marca do real? Interrogação que não pode deixar de se formular frente à certeza moderna de que a ordem das coisas é fruto do trabalho do espírito.





Voltamos a dialogar com Edgar Assis de Carvalho em nossa seção de entrevistas. A complexidade permanece como desafio incontornável da cultura contemporânea. As urgências decorrentes do processo de industrialização tornam-se cada vez mais agudas. Como ignorar a necessidade de uma revolução no cerne da academia? Em torno desse tema, vem bem a propósito a resenha do novo livro de Renan Freitas Pinto, o qual discorre sobre a sociologia de Florestan Fernandes. A grande contribuição do eminente sociólogo para a cultura nacional se estendeu para além dos aspectos inovadores de suas pesquisas etnológicas e sociais e atingiu revolucionariamente a forma de pensar a universidade brasileira.

Na seção Documento, publicamos, com a autorização do Museu Amazônico da Ufam, o “fac-símile” de uma carta enviada de Tabatinga/AM a José G. de Araújo Rozas pelo tenente Francisco E. Benjamim, em 1879. Trata-se de apenas uma das peças do Fundo J. G. de Araújo, depositado naquela instituição que já se tornou uma referência obrigatória para os pesquisadores da Amazônia.

